19-10-2021

Terapia do plantar e colher

A VIDA, A SOLIDARIEDADE, O ALIMENTO DE VERDADE

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência. Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

A vida é feita de encontros. O valor da vida é relacional e isso, ao final, é que faz a diferença em termos ontológicos, políticos e epistemológicos. Quando se faz da vida um caminhar em direção ao outro, como numa missão, num estilo de vida em que o conceito de interdependência é ampliado para entender que ninguém se basta a si mesmo, isso produz frutos que alimentam a existência compartilhada. E por falar em frutos vale revelar qual a motivação para esta reflexão. Ela é fruto de um encontro, de uma belíssima oportunidade de ver e ouvir alguém que fez da luta pela justiça, junto ao movimento dos sem-terra - MST, a sua razão de viver.

Seu nome - José Valdir Misnerovicz -, mas bem podia ser Francisco, Joaquim, Dinha, Manoel ou Divino. Os que participamos desse encontro colhemos, sem plantar, alimento para a nossa alma, fruto do trabalho de outros que anteriormente já semearam com suor, lágrimas e por vezes com a própria vida.

Saboreamos a partilha como quem tem fome de sede e justiça.

Alguém bem atencioso, presente no encontro, colheu algumas sementes preciosas que foram lançadas como desafios para que continuemos a luta. Algumas delas ficam aqui registradas:

"A gente é temperado na luta!" "O sistema é impiedoso!"
"O rito de batismo é participar de uma ocupação!"
"Um dia haverá um tapete vermelho para a gente passar!"
"A causa é maior e nós vamos vencer!" "A gente quer viver feliz!" "Não temos o direito de perder a esperança!"

Neste ano se completou 25 anos do Massacre de Eldorado do Carajás. No dia 17 de abril o MST realizou o Ato Político-Cultural Internacional de forma virtual, devido à Covid-19, em memória dos 21 mártires da terra que tombaram no Pará.

Em 1997, esta foi a data escolhida como o Dia Internacional da Luta Camponesa e Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária. Este ano diretamente da Curva do "S", local que se tornou um espaço de memória dos trabalhadores sem-terra e da luta pela terra no país, foi transmitida a mística de abertura:

"Teu nome é santificado naqueles que morrem
defendendo a vida
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão…
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança,
o pão das multidões
O pão que traz humanidade, que constrói o homem
em vez de canhões…
Pai nosso, dos pobres marginalizados
Pai nosso, dos mártires, dos torturados"

(Canção Pai Nosso dos Mártires)

A página do MST registrou:

"Os protestos dos trabalhadores Sem Terra também apontam a Reforma Agrária Popular como uma alternativa viável para combater o aumento da fome no país, mas para isso cobram do governo federal a retomada de políticas públicas de apoio à agricultura camponesa e familiar. Desde o início da pandemia, o MST já doou mais de 4 mil toneladas de alimentos sem agrotóxico e cerca de 700 mil refeições às famílias em situação de vulnerabilidade social...Reivindicaram vacina para todos e denunciaram as políticas genocidas do governo federal, com o Fora Bolsonaro."

São os terríveis retrocessos sociais, a ameaça à democracia e a experiência da necropolítica na prática, com a morte de 600 mil brasileiros, que nos deixam com sentimento de indignação e desamparo. Não obstante toda essa triste realidade, a riqueza do encontro, a força do coletivo nos impulsiona para continuar lutando contra a opressão.

Foi esse o fruto do encontro com Valdir, ainda mais quando ele nos esperançou trazendo a narrativa da história de Jesus Divino. que é prova viva da capacidade terapêutica da natureza, da solidariedade e da generosidade. Quando Divino, deprimido, talvez por entender-se oprimido, depois de tantos anos de trabalho e luta, pensou que sua vida não tinha mais sentido, foi acolhido no assentamento, como último recurso.

Em contato com a terra, a plantação, os companheiros, Divino começou a sentir o desejo de viver ir voltando e logo se sentiu curado de toda aquela desesperança. Experimentou o poder terapêutico do plantar e colher, seja o alimento de verdade, a solidariedade ou a vida. Sentiu o carinho da terra, o calor do sol, o frescor da água. Divino encontrou sentido em continuar, pois ainda há muito a aprender, a ensinar, a lutar e conquistar, como pode ser conferido no vídeo com seu sincero depoimento.

No centenário de Paulo Freire, mais atual do que nunca, precisamos (re)aprender com ele a conjugar o verbo "esperançar", enquanto cantarolamos *Assentamento*, com Chico Buarque...

Quando eu morrer
Que me enterrem na beira do chapadão
Contente com minha terra
Cansado de tanta guerra
Crescido de coração
.....
Quando eu morrer
Cansado de guerra
Morro de bem
Com a minha terra:
Cana, caqui
Inhame, abóbora
Onde só vento se semeava outrora
Amplidão, nação, sertão sem fim
.....

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.